

PASCOAES REVISITADO: A SAUDADE COMO LIMINARIDADE

LUÍSA BORGES

A reflexão que venho propor hoje é uma revisitação a Pascoaes. Uma revisitação sob a égide ou a inspiração do pequeno opúsculo de Dalila Pereira da Costa intitulado *Pascoaes: d'As Sombras à Senhora da Noite* (Átrio, 1992), ensaio que se ocupa, principalmente desses dois livros. Tendo presente a ressalva de Pinharanda Gomes, de que há um Pascoaes para cada leitor, desse ensaio reteremos apenas alguns vértices de análise, considerados como pontos de partida para esta nossa partilha reflexiva. O nosso pré-conceito inicial, não obstante, firmado, nos próprios textos de Pascoaes, é este: afirmar, não, tão só, a actualidade do pensamento de Pascoaes, como a necessidade da sua urgente revisitação.

Começamos por elencar algumas das constatações de Dalila Pereira da Costa, naturalmente, as que mais convêm ao caminho da nossa reflexão. Segundo a autora, nos hinos do volume *As Sombras*, se estruturaria uma dupla herança, a saber: a herança nórdico-celta e, portanto, acrescentaríamos nós, de uma espiritualidade e de uma filosofia atlântica; e uma herança mediterrânico-platónica. O cotejo de natureza escatológica, ontológica e teológica ou mesmo teleológica dos arquétipos aportados pela herança celta estruturar-se-ia em torno da figura espaço-temporal da espiral, preconizando diferentes itinerários de *queda* e de *ascensão*, *ctónicos*, de uma parte e *transhumanos*, de outra. Estes caminhos onto-escatológicos, se bem que imbuídos da teoria dita da participação platónica, nas suas actualizações gnósticas e maniqueias – ou por causa disso mesmo –, afastar-se-iam, com determinação e intensidade dramática, de uma ortodoxia crística, crente numa única vida terrena ou manifestação e, assim sendo, numa só oportunidade salvífica: nas textuais palavras da filósofa, “sem a vera ressurreição da carne”¹.

Retomando a expressão burilada por Pessoa, também a Autora inscreve Pascoaes no projecto da criação de uma *religião futura portuguesa*, autóctone e universal, como um *panteísmo transcendentalista*. Projeto que a reemergência de diferentes expressões de religiosidade dita pagã, bem como o despertar, por vezes radical, de uma consciência ecológica, parecem hoje confirmar, particularmente, nas gerações mais novas. Interessa aqui sublinhar e meditar que tanto Pessoa

¹ Dalila Pereira da Costa (1992), *Pascoaes: D'As Sombras à Senhora da Noite*, Átrio, Lisboa, p. 17.



como Pascoaes são críticos mordazes de uma ideia ou herança política e espiritual romana, tanto pagã (em Pessoa) quanto Católica (tanto em Pessoa quanto em Pascoaes), nas suas aspirações imperiais de tipo material e económico.

A filósofa sublinha a presença de “um sincretismo religioso” (*ibid.*, p. 15) em *As Sombras* de Pascoaes, à imagem e semelhança de uma outra “época de transição, o fim da Antiguidade”, precisamente quando teriam, emergido, de dentro do próprio cristianismo, múltiplas heresias, como o gnosticismo, justamente como formas de reequacionar e solucionar, pelo “dualismo maniqueísta”, o problema “teodiceico do Mal”, isto é, da persistência do mal e da continuidade do próprio mundo, palco operativo desse Mal, na ausência de um Apocalipse redentor.

Duas coisas a reter, aqui. A primeira. O sincretismo de Pascoaes não é uma forma de aculturação onde se diluem se enterram ou sobre que se edificam edifícios hegemónicos. Para empregar uma imagem analógica, tão recorrente nas nossas paisagens geográficas: não se trata de aproveitar as pedras pagãs dolménicas para a edificação de capelas cristãs. N’*As Sombras*, como em muitos outros textos, respiram, lado a lado, cosmogonias e narrativas míticas tão aparentemente diversas, como as egípcias, as gregas, as judaicas ou as célticas.

A segunda. Na obra de Pascoaes e, no complexo seio desta, o livro *As Sombras*, parece iluminar, com particular intensidade, uma clareira de sentidos. Há um espaço que é um tempo, sem tempo e ambos, tempo e espaço se fazem lugar. Um sítio que se abre como uma chama ou uma brecha, ou (na textualidade da 1ª edição de 1907, a páginas 28), nas “largas fendas do som” do chamado tempo comum: trata-se de um lugar de transitoriedade ou de liminaridade que aqui se presentifica. Pois, se este é um livro de Sombras, é de uma sombra a sua autoria, pois uma Sombra tem sede de luz, mais exactamente, nas palavras de Pascoaes “fome e sedes”, a perspectiva é a autobiográfica, como a da escrita do diário de um Livro das Sombras, uma prática que hoje sabemos característica de grupos neo-pagãos de inspiração gardneriana². Mas esta é apenas uma coincidência significativa, não intencional e o que daqui importa reter é a riqueza da irradiação da particular operatividade do sincretismo da obra de Pascoaes e a sua sublinhada contemporaneidade ou pós modernidade.

O espaço de liminaridade, epifânico liminar, passe a redundância, que as Sombras revelam, mais do que rasgando, um espaço, entreabrindo as dobras do tempo, como um ténue raio de luz dissipando cortinas de nevoeiro ou as trevas, é um lugar para a supervivência de um sincretismo onde, como acima referimos,

² Gerald Brosseau Gardner (1884-1964) impulsor do movimento da Wicca (ou da bruxaria) moderna, os seus textos foram compilados no volume *Livro das Sombras*, entre nós mais recentemente, divulgado pela Zéfiro, com o título *O Livro das Sombras de Gardner*, ed. Madras, 2022.



respiram, inspiram e expiram, como os batimentos de um coração – metáfora cara a Pascoaes –, ombreando, as cosmogonias e as *personas* de uma escatologia egípcia, grega ou judaica. Todas a par de uma escatologia que se centra, não numa ortodoxia cristã, mas numa heterodoxia que, não as supera, mas antes as prolonga e reactualiza, num processo de eterno retorno, que parecendo o mesmo, se vai, constantemente transmutando ou metamorfoseando num outro de si mesmo. Parecendo, desse modo, centrar-se numa espécie de trindade onde se relacionam as figuras de Jesus, com uma Grande mãe primordial e primeva na sua dupla acepção de Maria *Theotókos* ou mãe de Deus (de natureza espiritual) que é também Maria natural de Nazaré e Maria de Magdala (de natureza carnal), porventura reconciliando, as controvérsias do Concílio de Éfeso (de 431).

Neste contexto, a Saudade Portuguesa não poderia ser apenas um mero *ismo* literário ou um projecto político revivalista, ainda que utopicamente projectado no futuro. Sabemos como no volume *Os Poetas Lusíadas* (1919) o projecto sebastianista é duramente criticado por Pascoaes e enquadrado num período de decadentismo. E aqui, nestes dois pontos, divergem Pascoaes e Pessoa. Faltaria a um Saudosismo de escola e ao mito sebastianista, como, porventura, a um projecto de um Vº Império, ainda que da Língua ou da Cultura, um *Ethos* que só a Saudade, como rosto feminino ou materno de Deus, poderia aportar e que se cumpriria num modo genésico e ontológico de habitar o mundo³. Este sentido genésico da Saudade encontrar-se-ia claramente revelado nos poemas de *As Sombras*.

Neste livro, como aliás em outros grandes poemas de versos longos caudalosos e ardentes, de natureza genésica e teogónica, como *A Senhora da Noite* e *Marânus*, da matéria da *palavra poética* como *casa de ser*, irmanada ao pátio do Solar de Pascoaes, homologada, de igual modo, à própria biografia de Pascoaes, desse barro ou dessa terra primordial, brota ou jaz, o que é o mesmo, uma herança pré e proto histórica, assim descrita, na primeira edição de *As Sombras* de 1907 (da Livraria Ferreira, Lisboa, a páginas 40-41):

«Velhinho pateo a olhar o Oriente,
Tal como um templo Celta, onde as ortigas,
N'um ímpeto de vida consciente,
Nascem da própria pedra que, apesar

De ter sido cortada e trabalhada
Pelo ferro que a morde e esterelisa
E a deixa, tanta vez, incendiada,

³ Sobre esta interpretação, v. Luísa Borges (2005), *O Lugar de Pascoaes, Epifanias da Saudade Revelada*, Caixotim, Porto.



Conserva ainda no peito claras seivas;
Íntimas, fundas seivas virginaes
Que o sol commove e aquece, até que affloram
Em brandas, tenras hastes vegetaes;
Almas de aroma e corpos de verdura...
E são a própria pedra enterneçada,
Vergando sob o pêso d'uma abelha...»
(sic)

A par dos arquétipos teogónicos do Caos, do Érebro, da Negra Noite, das Águas bíblicas revoltas na espuma indomável do mar ou do Vento do Espírito, não faltam as costas das Ilhas encantadas a que elas aportam. Mágica presença do lugar liminar do bárbaro *Sidh* ou do paradoxal sítio de presenças de Sombra e de Luz que sempre em Pascoaes ressoam como aquele verso em que se diz, numa evocação, que *a Noite é Mãe do Dia*. Aquele crepúsculo onde e quando “o tempo é noite; o espaço é noite; a luz / É noite; o som é noite”⁴.

Existe uma particular forma de sincretismo que é um animismo – invertido – onde o *ethos* consiste em ser o poeta a voz das cousas e, nesse processo, ser essas mesmas coisas ou entidades criativas e criadoras de vida, num processo identitário que é uma existência, num momento ou movimento maternal partenogénico onde inconsciência e consciência se indistinguem. Sendo apenas ou simplesmente vida, doação de vida, numa supervivência amorosa ou livre.

A Saudade como *ethos* é, pois, simultânea e indistintamente, continente e conteúdo. A Saudade é esse modo ontológico do ser que a metáfora vegetal e verde diz, seja ela a aparentemente frágil e inofensiva, *ortiga* ou a *árvore*, irmã do poeta, a quem dedica o poema. Trata-se de estabelecer uma linhagem vegetal e feminina, ao modo das linhagens arcaicas e primitivas proto-históricas: sangue e seiva, ocre⁵ e verde identificam-se.

A Saudade é espaço, paisagem e clima e tempo ou liminaridade, identitária e indistintamente. Na roda cíclica das estações do ano os grandes livros de *As Sombras* (1907), da *Senhora da Noite* (1909) ou de *Marânus* (1911) descrevem e inscrevem uma concepção muito primitiva dual da climatologia portuguesa ou peninsular: a metade sombria ou Outonal do ano e a metade luminosa ou Primavera, onde os tempos liminares do entardecer, do crepúsculo e da aurora, necessariamente brumosos, assumem protagonismo ontológico e cénico. Trata-se

⁴ Teixeira de Pascoaes (s/d 1967), *Obras Completas, III, As Sombras* (4ª ed), ed crítica, int. e aparato crítico por Jacinto do Prado Coelho, Bertrand, Lisboa, pp. 126-127. E neste ponto acordam as várias edições.

⁵ Acerca deste ponto *v.*, J.L. Cardoso (2002), *Pré-História de Portugal*, Verbo; Gabriela Morais, Fernanda Frazão (2011), *Contributos Portugueses para o Estudo do Culto das Cabeças*, Apenas Livros.



de tempos equinociais que antecedem e possibilitam lugares de liminaridade ou de sítios para o acontecer primevo de vida ou de poesia. O próprio poeta se inscreve nesta genealogia, mitificando o tempo autobiográfico do seu nascimento cerca dos inícios de Novembro, como é aliás sabido⁶; o tempo liminar dito pagão do *Samahin*, cristianizado pelas festividades de Todos os Santos. E a si mesmo se nomeia como *Teixo*, ou *Arbusto*, reclamando para si a inscrição numa linhagem sacerdotal pagã que será reconhecida por pares como Philéas Lebesgue (o amigo epistolar⁷ e Grande Druida das Gálias) e que Pascoaes identificará com o franciscanismo. Nesta linha, os poemas que atrás referimos abrem com o tempo genésico e inaugural da Noite, como Aquela entidade, Musa, Deusa, Terra *Māthir* [Mãe] de onde emergirá o Dia, num complicado processo de metonímias, de sinestésias, de anamorfozes e de sincréticos animismos. *As Sombras* são um dos textos (mais genuínos, inspirados e caóticos, se tivermos em conta a 1^o edição) onde, porventura, este processo torrencial é mais visível, pois opera como uma longuíssima evocação de uma Noite *erma* de *Samahim*, o arquétipo de todas as liminaridades. Neste bailado xamânico são convocadas, invocadas, evocadas todas as Sombras num complexo processo ritualístico que os títulos dos poemas, seja na primeira edição deste livro, seja nas edições revistas seguintes, continuam a atestar. Aí não faltam: o apelo aos ancestrais, aos antepassados próprios e milenares, de Pascoaes, da cultura portuguesa, peninsular, europeia e universal; a evocação dos elementais como o fogo (as constelações fundamentais dos antigos caçadores e pastores peninsulares – os pegureiros – como o Sete Estrelo, o Dragão, ou o Touro), a água dos rios e dos mares (a evocação pelágica), o ar como vento outonal (identificado como o cavaleiro – ou Zéfiro, acrescentaríamos nós)... Mas também a evocação e o apelo a Deus, *sombra do mundo*, no poema “A Sombra de Deus”, sendo mundo e natureza a sua face epifânica.

Enfim, os poemas são um caudal torrencial e intenso de metáforas, feito de “Sombras do outono e luz das primaveras”, nas palavras do poeta (em a “A Sombra do Vento”).

⁶ Cf. Jorge Coutinho (1995), *O Pensamento de Teixeira de Pascoaes. Estudo Hermenêutico e Crítico*, pref. de Lúcio Craveiro da Silva, Publicações da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, Braga, p. 26, n. 5. Vejam-se estas significativas passagens que Pascoaes escreve no *Livro de Memórias* de 1928: “A tarde em que nasci como um herói, nimbou duma auréola triste a minha infância e entranhou-se, em mim, para sempre. É um sentimento indefinido, uma saudade: esta sombra negra que me rasteja aos pés, sobre o cascalho da Via Dolorosa”; ou ainda, “Divago entre sepulcros (...) Sou a terra onde as árvores deitam fundas raízes que só o machado pode derrubar (...) Sou os outros (...) Transfiguro-me e tudo se transfigura”. Pascoaes (1928), *Livro de Memórias*, Atlântida Editora, Coimbra pp. 33 e 29.

⁷ Acerca da amizade entre Pascoaes e Lebesgue, *v.*, por exemplo, Luísa Borges (2017) “A Foz como Lugar de Encontro: Philéas Lebesgue & Teixeira de Pascoaes”, in *A Revista da Tradição Lusitana* 3.



Terminamos com uma interrogação. Serão estas evocações próprias de um *antropocentrismo* (na linha do *pensamento temerário e heterodoxo* de algum do pensamento português), como sugere Dalila Pereira da Costa, onde à semelhança de outras Sombras nomeadas ou invocadas, Deus surge como uma criatura emanada do próprio homem, neste seu processo criador e criativo ontológico de linguagem e de poesia?

Neste momento, particularmente dramático do nosso *ethos* ou do nosso modo de habitar ou de criar o mundo – referimo-nos aqui às ameaças bélicas e ambientais que estão na ordem do dia – teremos nós o mundo – sombrio e luminoso – e Deus ou o Satã que merecemos? Fica a pergunta, ciente do passado, saudosa, do futuro.

